

O poeta e a câmara indiscreta

Estamos na esquina do Bar Bico, em Copacabana. Um homem magro e de óculos toma um café junto ao balcão. Uma jovem com ar de estudante da PUC pede um café ao seu lado. O homem lhe estende o açucareiro sem levantar os olhos. Ela se volta curiosa para ele, pergunta qualquer coisa. Conversam um pouco enquanto tomam café. Depois caminham juntos até o meio-fio, onde se detêm, ainda conversando.

— Despede agora!

Sem me dar a menor atenção, ele continua a conversar com a moça. E o filme rodando.

— Anda, Carlos! Despede!

E ele nada. Sinto abalado nos cascos o meu prestígio de cineasta. Tinha de ser uma cena curta, inserida na vida cotidiana do poeta: uma leitora que o reconhece na rua, aborda-o, puxa conversa, se despede. Grito de novo, cada vez mais alto, despede! despede! Vários passantes se voltam para olhar a câmara, um bêbado ao fundo começa a rir e entra em cena cambaleando.

— CORTA!

Temos de filmar tudo de novo. O poeta se escusa dizendo que a conversa estava interessante e ele se distraiu. Não é para menos. Tanto assim que lhe proponho ali mesmo

expulsá-lo do filme para seguir filmando a moça até o fim, com uma explicação a ser acrescentada mais tarde na parte sonora: "A partir desta cena, o filme passa a versar sobre a jovem estudante, deixando de ser um documentário sobre o poeta Carlos Drummond de Andrade."

UM DOCUMENTÁRIO — dez documentários sobre escritores brasileiros contemporâneos. Começamos com Drummond.

— Não sou bom ator — disse ele modestamente. — Mas já que você insiste...

Alegou que não sabe andar direito, como as outras pessoas, desenvolto, balançando os braços. Timidez? Falta de equilíbrio? Tudo isso, e acrescido do hábito adquirido nos tempos de colégio de Friburgo, por imposição dos padres, de não movimentar os braços na cadência do andar. Já rapazinho, passava em frente a uma pensão de estudantes em Belo Horizonte, e era alvo de riso deles: não sabe mexer os braços, menino? Um dia mexeu os braços, dando uma banana para eles.

No interior do seu escritório. Ou gabinete de trabalho — considera-se um homem de gabinete. Passou a vida escrevendo, e não somente poemas, contos ou crônicas, mas cartas, ofícios, pareceres, memorandos. Uma seqüência de fotografias o mostra desde a juventude até a idade madura, debruçando sobre uma mesa, caneta em riste, escrevendo. Estamos há três horas a filmá-lo de todos os ângulos, em pleno trabalho intelectual.

Lutar com palavras
é a luta mais vã.

Entanto lutamos
Mal rompe a manhã.

Lendo, escrevendo à máquina, consultando um livro, compondo um poema. Poema gerado na hora, sob a inspiração do momento, e sob focos de luz, exposto ao olhar inextrável de uma câmera de cinema:

A tinta ignóbil das esferográficas

A falsa autenticidade das cópias de Xerox

O insulto do acrílico

As perecedoras imitações do plástico

A gélida fisionomia da pública-forma

O triste negrume das certidões do tempo de serviço

A impessoalidade dos envelopes com dizeres impressos –

Endereço, telefone e código telegráfico –

Toda a minha vida de burocrata.

Como se filma hoje um parto ou uma operação de co-
ração, pela primeira vez foi filmado o nascimento de um
poema, fixada para sempre a imagem de um grande poeta
em pleno ato de criação.

DAVID NEVES desembarca da caranguejola em que circula
por aí como se fosse num automóvel:

– Hoje vamos filmar na rua.

Começa a descarregar a sua parafernália de filmagem.
Conforme o combinado, o poeta surge do edifício onde mo-
ra e passa por nós sem dar a menor confiança.

David sai correndo atrás dele, câmera na mão, seguido
do Bola, que vai nos seus calcanhares transportando a ba-
teria presa à câmera por um cordão umbilical. O Bola, além
do mais, é manquitolá. Os dois correm curvados como
numa dança de índios, o sinal se abre de súbito, carros e
ônibus avançando e eu do outro lado da rua botando as
mãos na cabeça, pronto! Vai todo mundo atropelado, aca-
bou-se o filme, o poeta e a poesia.

Sãos e salvos, todos metidos num ônibus. Andamos
convocando gente com cara de passageiro de ônibus. Marco
Aurélio Matos, por exemplo, Roberto Brancher, que faz
um pouco de tudo, promovido a assistente de câmera.
Minha filha Virgínia abraçada ao Silvinho, no banco de
trás. O próprio Bola, no banco da frente, lendo o *O Jornal
dos Sports*. O resto é passageiro de verdade. E o trocador,
que não tira o olho da lente – não fosse ele caolho, pode
estar também olhando para o outro lado. A velha vai en-
trando e se senta no lugar destinado ao poeta. Aí não, mi-
nha senhora... E por que não? Sento onde eu quiser. Mas
isso é uma filmagem... E daí? Daqui não saio, daqui nin-
guém me tira. Tivemos que mudar a disposição da com-
parsaria: você aqui, você ali... E o poeta já acomodado,
fingindo que nada daquilo é com ele. Vai, Carlos, ser *gauche*
na vida... Chegou a hora de descer. Ele se despede:

– Por hoje chega.

Salta do ônibus e nos deixa prosseguir viagem, apate-
tados, sem ter mais o que filmar.

O POETA EM PLENA Avenida Rio Branco, a câmera quase
colada no seu nariz, Renato Neumann andando de costas
e eu abrindo caminho com a maior cara-de-pau para ele
não tropeçar. O poeta entrega a sua crônica no *Jornal do
Brasil* – tem de repetir a cena porque a luz pifou. Depois
em frente ao Ministério da Educação – vê se consegue um
ângulo bem dramático, Neumann. Ele se estende literal-
mente no asfalto, correndo o risco bem dramático de um
carro passar por cima dele.

O poeta vai fazer agora uma sugestão – a primeira e
única em todo o filme: quer se esconder atrás de uma co-
luna. Pois assim seja – a coisa já está ficando mesmo meio
surrealista: escondê-se atrás de uma coluna e aparece atrás

de outra. De súbito são vários Carlos Drummond de Andrade
que surgem de um lado e desaparecem do outro. Ubíquo,
numeroso e esquivo, onde está ele agora?

Eis que surge de um salto diante da câmera, tomado
de um inesperado frouxo de riso. Não era essa a imagem
que fazíamos dele – dirão os exegetas de sua obra.

Pois se esquecem que o riso, segundo Bergson... Ao que
Pedro Nava se abre numa gargalhada farta e contagiante.
O poeta volta a rir – agora em sua casa, conversando com
os seus companheiros de geração. Martins de Almeida lembra
episódios de Belo Horizonte, os três passam a limpo a re-
cordação dos tempos idos e vividos, tudo gravado e filma-
do para se aproveitar um minuto. Até que o riso se fa-
z nostálgico, depois os amigos se vão, o poeta e sua mulher
trocam impressões miúdas e ternas, e ele se vê finalmente
só, lendo um livro, enquanto um telefone toca insistentemente
dentro da noite, um telefone que ele não pensa em
atender.

IN: SABINO, Fernando. "As melho-
ras crônicas de Fernando Sa-
bino". Rio de Janeiro: Best
Book, 2008, pag. 114 - 118.